



## **GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES E REFLEXÕES DE GUACIRA LOPES LOURO**

Ana Maria Feitosa Soares

*Mestranda em Educação pela Anne Sullivan University. E-mail: namariafeitosasoes@gmail.com.*

Edmilson Galdino da Silva<sup>1</sup>

*Mestrando em Educação pela Anne Sullivan University. E-mail: ed1000songaldino02@hotmail.com.*

Maria Helena de Andrade<sup>2</sup>

*Mestranda em Educação pela Anne Sullivan University. E-mail: helenaeducadoramat@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo foi elaborado com a finalidade de integrar conhecimentos e práticas fundamentados ao longo das discussões no “Seminário: Sujeito, Educação e Trabalho”, ofertado pelo curso de Mestrado Internacional em Ciências da Educação. Basicamente o texto foi construído por meio das indagações sociais contidas na obra “Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, de autoria da educadora e historiadora Professora Guacira Lopes Louro, de 2003. O livro trata da questão do gênero e outras marcações sociais discriminatórias como a etnia, nacionalidade, classe social, opção sexual, entre outros relacionados aos aspectos educacionais, as relações de poder que ainda subjugam a mulher e outras categorias sociais a ações distintas e a escola como espaço formador e reprodutor de desigualdades. A obra refere-se historicamente ao feminismo como força contrária ao mundo masculinizado de segregações sociais. A metodologia seguida na construção do artigo se deu através de leituras e fichamentos do próprio livro supracitado e de algumas fontes bibliográficas secundárias que auxiliaram na revisão e discussão do tema aqui estudado. A problematização do assunto está na reflexão sobre a questão gênero e a construção do sujeito na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Gênero e educação. Relações de gênero. Gênero e sexualidade.

---

*1,2. São coautores do trabalho.*



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

## 1. INTRODUÇÃO

Gênero, sexualidade e educação dá destaque a algumas questões primordiais das práticas educativas. Levando em conta além do gênero homem e mulher, faz articulações com as desigualdades sexuais e outros marcadores sociais, tipo etnia e classe social, que são analisadas pela pesquisadora de forma impar, buscando por intermédio de uma visão geral, referências nas teorizações pós-estruturalistas. Isto é, estabelecer uma teoria da construção na análise literária, destinando assim, uma diversidade de sentidos e compreensão do tema.

Este artigo tem a pretensão de fazer uma breve revisão do livro “Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista” de autoria da educadora Guacira Lopes Louro (2003). A autora evidencia como o sujeito é construído por meio da escola e a partir de perspectivas bem estabelecidas, a fala da sexualidade e não o seu silêncio constituiu-se como fator importante no discurso educacional brasileiro (CÉSAR, 2009).

Trata-se de um assunto bastante estudado e remonta um contraste com o pensamento estruturalista, que é radical que não afirma a independência e superioridade do significante em relação ao significado, para eles os dois são inseparáveis, os pós-estruturalistas não veem o significante e o significado como inseparáveis e sim como separáveis (LOURO 2003).

O objetivo central desse tema é a análise da escola como produtora de determinadas identidades de gênero e de sexualidades hegemônicas, que mediante distintos dispositivos, atuam na produção de meninos e meninas a partir de uma matriz heterossexista, heteronormativa e androcêntrica, que não tem dado conta de problematizar as diferentes possibilidades em que sujeitos se constituem para além do que é ser homem ou mulher na sociedade, tendo a finalidade de refletir a produção das masculinidades e feminilidades na educação, conforme o pensamento de Louro (2003) e outros estudiosos da área.

Para acompanhar o trajeto da reflexão de Louro (2003), foi realizada uma busca em outros posicionamentos teóricos sobre a temática em questão, no sentido de esclarecimentos mais aprofundados no intuito de se atualizar o estudo.

A metodologia foi toda pautada em leituras da publicação de Louro (2003) e outros artigos no sentido de complementar as ideias e as perspectivas vistas no livro. Foram realizados pequenos fichamentos e análise de resumos de artigos na área.

A problemática apontada por Louro (2003) em sua publicação é a discussão em torno das relações possíveis com a Educação, em especial com a educação escolar. O conceito de gênero e de redes de poder, a participação da escola na produção das diferenças, os Estudos



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Culturais, os Estudos Negros e os Estudos Gays e Lésbicos são as temáticas abordadas nos três primeiros capítulos. Os estudantes, os professores e as suas representações, as iniciativas pedagógicas feministas, as propostas de educação sexual, os desafios epistemológicos postos pela e para a pesquisa feminista, ocupam mais três capítulos. O sétimo e último capítulo oferece um conjunto de informações a partir de revistas, livros, filmes ou sites da Internet a quem desejar ampliar a investigação nestas temáticas (DOURADO, 2004).

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A publicação “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista” (2003) relaciona o conceito de gênero com a história do movimento feminista, privilegiando uma abordagem linguística e política. Deste modo, critica a (in) visibilidade da mulher, e chama a atenção para a conceptualização de sexo e sexualidade e para a desconstrução da pluralidade dos gêneros (DOURADO, 2004).

A autora apresenta também conceitos e teorias no campo dos estudos feministas e suas relações com a educação estudam as relações do gênero com a sexualidade, as redes do poder, raça, classe, a busca de diferenciação e identificação pessoal e suas implicações com as práticas educativas atuais (SCOTT, 1965).

Também é feita uma crítica às pesquisas que apesar de analisarem as relações sociais entre homens e mulheres atêm-se somente ao estudo de certos setores da organização social, como a família, a reprodução, as ideologias de gênero. Estas pesquisas realçam o mero uso do termo gênero, sem uma mudança de perspectiva teórica, o que faz com que estes trabalhos continuem a estudar “as coisas relativas às mulheres”, de forma descritiva, sem que se questione porque as relações entre homens e mulheres estão construídas como estão (ZAMPIERI, 2014).

A instituição escolar é o espaço privilegiado no livro, mas certamente não é seu alvo exclusivo. Recebe especial atenção o modo como os sujeitos, em relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, vão construindo suas identidades, arranjanando e desarranjanando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo (CÉSAR, 2009).

Segundo SOTT (1996) Gênero: uma categoria útil de análise histórica, a ideia nuclear é a de que gênero é usado para enfatizar o cunho social das diferenças entre os sexos e que o termo possibilita um rompimento com o estigma do sexo. Inicialmente o autor propõe



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

um rompimento com o pensamento dicotômico masculino em oposição ao feminino, alegando que esta é uma visão reducionista e que as relações de gênero se produzem na e pelas relações de poder.

Quanto a esta informação Scott (1996), também evidencia as relações entre gênero e poder, alegando que ainda que não seja o único campo de articulação do poder, o gênero é a primeira instância dentro da qual, ou por meio da qual, o poder se articula. Afirma que os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização de toda a vida social, influenciando as concepções, as construções, a legitimação e a distribuição do próprio poder.

Como aponta Michel Foucault (1979/1996), o poder é uma ação que se exerce sobre a ação dos outros e, portanto, faz parte de todas as relações que vamos estabelecendo nos encontros da vida. Para esse autor, as relações de poder são constitutivas do humano e, desde que vividas entre sujeitos “livres”, elas sempre vão ser tensionadas pelas capacidades estratégicas de reversão internas às distintas formas de dominação (SILVEIRA; NADER 2014; SCOTT, 1996).

Quanto ao aspecto do poder, Louro (2003) indica no livro, ou assume, pois, a perspectiva de que as mulheres e os homens feministas precisam estar atentos às relações de poder que se inscrevem nas várias dinâmicas sociais em que elas e eles tomam parte. Recusando a concepção de um binarismo rígido nas relações de gênero, busca uma problematização mais ampla e complexa, na qual tenham lugar às múltiplas e intrincadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia. Longe de uma análise distanciada e isenta, a autora acentua que estamos todos e todas envolvidos/as nesses arranjos, e chama atenção para a difícil tarefa de pôr em questão relações de poder das quais todos fazem parte.

Outra questão que merece atenção é a mulher invisível, onde a autora destaca que durante muito tempo o silenciamento feminino foi o grande objetivo dos primeiros estudiosos feministas, pois as mulheres foram submetidas à segregação racial e a política e que devido a esse fato, historicamente teve como consequência a grande invisibilidade dela como sujeito ativo e pensante em uma sociedade dominada pelos homens (LOURO, 2003).

Essa condição levou a concretizar o discurso deslocado e absurdo de que o “mundo doméstico” seria o verdadeiro universo da mulher. Sente-se nessa passagem do livro que o preconceito em relação à mulher era oficializado e constitucionalido através de ações altamente injustas, onde as mulheres não teriam acesso à educação e muito menos a outras profissões, mas na questão do trabalho fora de casa, contrariando o discurso machista do



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

“mundo doméstico” as mulheres da classe trabalhadora e camponesas já faziam atividades remuneradas fora de casa, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras.

Conforme Louro (2003), gradativamente, essas mulheres vítimas de um mundo que as domesticaram contra a vontade fez surgir uma ânsia de modificarem as condições que lhes foram impostas por meio de discursos masculinizados e sem coerência, pois a mulher e outras categorias discriminadas da sociedade viviam subjugadas nesse processo constante de desigualdades e de diferenças.

Outro ponto importante também é a construção escolar das diferenças, conforme Louro (2003) Gasparete, Esteves e Galvão (2013), a escola produz as diferenças, desigualdades e distinções, que faz através de mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. A escola inicialmente era concebida para acolher somente algumas pessoas, e com o tempo foi sendo requisitada por aqueles aos quais havia sido negada, e estes foram trazendo transformações à instituição. A autora toma como ponto de partida a reflexão de como a escola produz essas diferenças e que efeitos elas têm sobre os sujeitos.

Além de produzir diferenças, ela delimita espaços, determinando o que cada um pode ou não fazer. Faz-se necessário que o indivíduo fique atento a ver, ouvir e sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicados na concepção, na organização e no dia a dia escolar. A visão sobre o contexto é diferente e o modo como o espaço da escola é concebido por todos também, ou seja, cada um tem a sua representação de escola (GASPARETE; ESTEVES; GALVÃO, 2013).

Os efeitos que a construção escolar das diferenças faz, são ações de distintas, que demonstram que cada um tem um lugar separado, não existe a visão de igualdade somente pelo fato de serem alunos e sim porque o sujeito possui uma maneira de ser diferenciada, então, já existe a separação de significados do contexto onde ele está inserido.

O gênero da docência é outra questão também discutida no livro, Louro (2003) indaga sobre a feminização do magistério que são vestígios do passado que ainda marcam o presente. A presença da mulher no cenário escolar ocorreu tardiamente na história da educação brasileira. Desde o período Colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos (ARAGÃO; KREUTZ, 2011).

A presença da mulher nas escolas normais ocorreu de forma gradual, fruto de diversas mudanças de cunho socioeconômico no país. Alguns fatores colaboraram para o



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

ingresso feminino na docência. Um deles estava relacionado à crescente necessidade de professores para ensinar crianças, uma vez que os homens estavam se afastando gradativamente deste cargo, em busca de melhores salários (ARAGÃO; KREUTZ, 2011).

Louro, (2001), Veiga (2007), Almeida (1998) e Freitas (2002) completam o argumento, alegando que a presença das mulheres no magistério público também era extremamente interessante economicamente, uma vez que a elas era pago um salário inferior àquele oferecido aos homens. Neste contexto, o ingresso das mulheres na função docente seria duplamente eficaz, já que reduziriam o gasto público e resolveria o problema da falta de professores.

Embora as mulheres tivessem conquistado o direito de ensinar e passassem a compartilhar da exigência de uma vida pessoal modelar, escabelem-se expectativas e funções diferenciadas para eles e para elas, ou seja, as professoras lecionariam para meninas e homens ensinariam os meninos. A separação chega até as diferenças de salários, pois os homens ganham bem mais, tem objetivos de formação diferenciados e avaliam também de formas distintas (LOURO 2003).

A educação separatista traz lacunas enormes frente à igualdade de gêneros e desvalorização do trabalho da mulher, como se a figura feminina não relacionasse capacidade ou confiança no aspecto profissional e que para se tiver direito ao ensino seriam subjugadas a normas que assegurariam a capacidade de se fazer o educar.

Com o movimento feminista, o cenário foi modificado e estudiosos sobre o tema conseguiram inquietar indivíduos e estes se puseram a questionar-se sobre sua condição de fraqueza e de subordinação e o porquê dela existir. Esse questionamento fez surgir uma consciência de que todos são iguais, independente de ser homem ou mulher, e independente também de suas etnias, classe social, nacionalidade ou qualquer outro marcador social (LOURO, 2003).

Deve-se saber que os processos escolares são formadores e reprodutores de desigualdades sociais e com tais precisam ser combatidos à medida que há prejuízos para indivíduo, que se sinta discriminado, pomenorizados ou sinta um olhar diversificado por outros que fazem parte da escola. A escola precisa ser um local de múltiplas reflexões e acolhimento a todos.

A publicação escrita por Guacira Lopes Louro (2003) monta um referencial teórico absolutamente forte na questão da amarração de ideias, questionamentos e discussões, durante



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

todo o texto é possível ver nomes como Stuart Hall (1992), Joan Scott (1996/1965), Teresa de Louretis (1986), Michael Foucault (1987), Robert Connel (1995), Richard Johnson (1996) Floya Anthias e Nira Yuvel (1993) Avtar Brah (1992), Jean-Claude Forquin (1993) Alvarez Uria (1992) Cécile Dauphin (1993), entre outros tão relevantes quanto.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A publicação aborda o estudo de gênero aplicado à educação, a sexualidade e ao trabalho. E nota-se que a desigualdade entre gênero e demais marcadores sociais, como etnia, nacionalidade, classe social, entre outros ainda persistem atualmente. Reconhece-se, que houve uma grande diminuição e em parte essa redução na desigualdade é oriunda da formulação de normas legais e a conscientização dos estudiosos e estudiosas que impulsionaram essa modificação.

As relações de poder sempre são demarcadas pela figura masculina e a feminina, infelizmente ainda continua a lutar para ficar em sintonia com as exigências do mercado de trabalho, do espaço escolar e das instituições em geral que regem o cenário. Conforme Louro (2003) os movimentos feministas existem para desconstruir essas polêmicas, mulheres lutando pela igualdade entre os gêneros, além, é claro que junto a elas estão os negros, os homossexuais, os menos favorecidos e tantos outros que ainda sofrem preconceitos em uma sociedade ainda perdida em suas concepções.

É relevante discutir que a escola é transmissora e produtora do saber social e como tal possui grande influencia na construção da cidadania, independente do gênero e de outros marcadores sociais relacionados, pois ela é primordial na modificação de pensamento acerca da igualdade entre os gêneros e decisiva na maneira como os saberes sociais serão repassados e assim desencadear renovações nas concepções e na reflexão um novo olhar para o sujeito enquanto pessoa e profissional.

A autora destaca em sua obra a discussão sobre o feminismo reconhecendo que “nenhuma ciência é desinteressada ou neutra”. Exemplifica essa afirmação citando que a ciência foi feita pelos homens, brancos, ocidentais e de classe dominante que determinaram o que era importante, em geral. Assim sendo, as ideais apresentadas pela autora não representam “levantar bandeira” do feminismo, mas operar com categorias analíticas instáveis, movimentando-se em um meio teórico que está em constante construção e que acolhe a crítica como parte desta. “A proposta é, portanto, ir além dos estudos meramente atentos a um superficial e momentâneo interesse sobre mulher e gênero. O que se propõe são estudos que ultrapassem a simples adesão temática, pesquisas que se disponham a um

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



mergulho teórico mais ousado – tarefa que certamente implica em desafios de outra ordem” (LOURO, 2003).

#### 4 REFERÊNCIAS

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

ARAGÃO, Milena Cristina; KREUTZ, Lúcio. Representações acerca da mulher-professora: entre relatos históricos e discursos atuais. **Revista História da Educação – RHE**, v. 15 n. 34 Porto Alegre, Maio/ago. 2011. p. 106-122.

GASPARETE, Carolina; ESTEVES, Luciana; GALVÃO, Marcela. **Síntese do texto**: “a construção escolar das diferenças”. Publicado em 22 jul. 2013. Disponível em: <<http://genero-sexualidade-educacao.blogspot.com.br/2013/07/sintese-do-texto-construcao-escolar-das.html>>. Acesso em 02 out. 2015.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Da normalista-espera-marido ao exercício profissional no magistério: trajetórias de ex-alunas do Instituto de Educação Rui Barbosa. In: CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar da (orgs.). **Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente**. Bragança Paulista: USF, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: paixão pelo possível**. São Paulo: Unesp, 1998.

SILVEIRA, Raquel da Silva; NARDI, Henrique Caetano; SPINDLER, Giselle. Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. **Psicol. Soc.**, v.26, n.2 maio/ago. 2014.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma epistemologia. **Revista Educar**, v. 35, p. 37-51, Curitiba: Editora UFPR, 2009.

DOURADO, Elsa. Resenha de "Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista" de Guacira Louro. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 13, n. 1. Universidade do Minho Braga, Portugal, 2000. p. 325-340.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v.20, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1995.

ZAMPIERI, Elisangela. **Gênero, sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Resenha. Publicado em jul. 2014. Disponível em:  
<<http://sobreeducao.blogspot.com.br/2014/07/genero-sexualidade-e-educacao-uma.html>>.

Acesso em? 5 out. 2015.